

SOUSA GALITO, Maria (2010). Entrevista ao Dr. Francisco Murteira Nabo. CI-CPRI, ENT-CPLP, N°13, pp. 1-9.

ENT-CPLP: Entrevistas sobre a CPLP



Entrevistado: Dr. Francisco Murteira Nabo (Presidente da ELO – Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Económico e a Cooperação)

Entrevistador: Prof. Doutora Maria Sousa Galito

Local: Sede da GALP, Torres de Lisboa.

Data: 27 de Abril 2010, 16h.

Muito obrigada por me receber, Dr. Francisco Murteira Nabo, Presidente da ELO. Começo por lhe pedir um comentário sobre a relação entre os objectivos da ELO e o contexto actual das relações económico-empresariais entre os Estados-membros da CPLP, levando em consideração a cooperação económico-financeira no espaço lusófono.

A ELO surgiu da necessidade de intensificar as relações económicas no espaço da lusofonia. A CPLP criou-se, a componente política intensificou-se, a componente linguística desenvolveu-se, a vertente cultural também, a económica nem tanto.

A ELO é a entidade nacional (portuguesa) que promove e representa Portugal no Conselho Empresarial da CPLP (a componente económica da lusofonia).

A ELO tem desenvolvido esforços nesta matéria. Mas se as relações económicas entre os Estados-membros da CPLP se intensificaram, até agora, não tem havido uma entidade capaz de estimular uma acção coordenada em termos económicos no espaço da

lusofonia. Esta coordenação passará a existir com a Confederação Empresarial da CPLP.

A ELO tem vocação para representar Portugal nessa entidade que é a Confederação Empresarial da CPLP.

O Conselho Empresarial foi criado mas nunca conseguiu ter uma acção coordenada que promovesse, de facto, as relações económicas e financeiras entre países de língua portuguesa. E da CPLP com o exterior.

A pedido do próprio Conselho de Ministros da CPLP, o Conselho Empresarial da CPLP foi reequacionado.

Não só a ELO, mas o Conselho Empresarial em geral, respondeu com a necessidade de criar uma Confederação Empresarial da CPLP. Estamos convencidos que uma Confederação que envolva associações empresariais de todos os países, com base numa estrutura fixa, permanente e profissional, possa colocar os empresários em contacto entre si, e aproveitar as várias oportunidades de negócio no espaço da lusofonia, através de uma *rede de contactos e de informações* organizada num portal (*site* da internet).

O Conselho Empresarial tem um sistema rotativo de direcção, sendo neste momento presidido pela Guiné-Bissau.

Como a CPLP está sediada em Portugal, acaba por ser em Portugal que as coisas acontecem em termos de logística.

Ainda estamos no âmbito das expectativas ou já temos em vista a obtenção de resultados concretos? A criação da Confederação Empresarial é uma janela de oportunidade (uma nova estrutura de apoio) para a CPLP, ou já existe um plano estratégico à espera de ser aplicado?

A Confederação começou por ser uma aspiração, um projecto adiado. Finalmente foi criada no dia 22 de Março (de 2010), foi feita a escritura pública, em Lisboa, e assinada.

Em que fase nos encontramos? A Direcção da Conselho Empresarial constituiu-se como comissão instaladora da Confederação. A tomada de posse dos primeiros órgãos sociais será efectuada na Cimeira de Luanda na segunda quinzena de Julho próximo, propondo

cada país os representantes das associações empresariais que vão entrar na Confederação para que estas pessoas possam tomar posse nessa data.

A partir daí, a ELO representará Portugal durante dois anos – faz parte dos estatutos. Os escritórios, a estrutura de apoio à Confederação Empresarial, ficarão em Lisboa. A presidência é rotativa, tal como acontece na CPLP. Mas a logística fica em Portugal.

É preciso que os órgãos sociais se reúnam para definir uma estratégia. Assim se poderá decidir sobre o que fazer. Depois urge implementar a Confederação, porque esta vai ter, além da Direcção, Conselhos Sectoriais – Conselho de Indústria, Conselho de Comércio, Conselho de Estratégia, etc. – ou seja, todo o conjunto de órgãos que fazem parte de uma Confederação. Isso ainda tem de ser tudo constituído.

O Conselho de Estratégia deverá definir qual o modelo a desenvolver para que a Confederação passe da conceptualização aos factos.

Este processo tem uma peça-chave: a necessidade de criação de um portal (internet). Esse portal tem que ter, em cada um dos Estados-membros, informação-viva. Informação significa: “quem é quem”, “o que está a acontecer em cada momento, em cada país”.

Ou seja, a Confederação só estará viva no dia em que tiver um plano estratégico e uma estrutura que funcione com informação permanente e actualizada. Por exemplo, sobre um concurso aberto no país X, colocar os empresários em contacto uns com os outros, por forma a trocarem informações e concorrerem.

Todo o conjunto de realizações só poderá funcionar quando houver uma estrutura a andar. Do meu ponto de vista, estamos no princípio de um processo. Fizemos o mais difícil que foi criar a Confederação Empresarial da CPLP. Desde 2004 que se falava nisso. Criámo-la. Está já a escritura feita. O Brasil já aderiu – é a Confederação Brasileira que representa o país – e as restantes federações estaduais também vão estar representadas. No caso de Angola, a grande maioria todas as federações vão estar representadas.

Mas não chega. A experiência de vida diz-me que as coisas só acontecem quando há factos, não apenas conceitos. A CPLP, na componente económica, tem vivido de conceitos, de aspirações, de modelos, não de realidades.

Felizmente tem havido muita troca de informação. Entre o Brasil, Angola e todos os outros países, tem havido muito intercâmbio entre empresários. Mas ainda estamos aquém do que poderia ser.

Portugal tem grandes vantagens comparativas no espaço lusófono, já não tem tanto no espaço europeu. A mesma coisa se passa do lado de Angola, Moçambique e dos restantes países. Todos temos vantagens e sinergias na CPLP.

A economia não é apenas constituída por empresas, mas também por universidades, a economia de um país é sobretudo interacção, dinamiza-se sobretudo com base numa rede de contactos. Este intercâmbio gera uma rede de conhecimentos.

Quando se vai a uma conferência (tenho ido a muitas ao longo da minha carreira) além de ouvir o conteúdo das intervenções (que às vezes são repetitivas), traz-se algo extra, cinco a seis cartões-de-visita de pessoas novas que se conhecem.

É essa rede de contactos que faz funcionar a economia. O que estamos a tentar fazer é que haja uma entidade que promova eventos, que fortaleça a comunidade em termos económicos.

A Confederação Empresarial da CPLP respeita as soberanias e aposta no multilateralismo. É um espaço de iguais em torno de um objectivo comum.

Estamos a caminhar para mundos multipolares. Já vivemos num mundo bipolar (EUA/URSS), vivemos ainda num mundo unipolar (EUA), caminhamos para um mundo multipolar com várias potências que vão continuar a emergir no mundo. A China, a Índia, a África Austral, a UE, os EUA.

Nessa sociedade multipolar há blocos. Agora, os países valem, não apenas pelo que são, mas pelos blocos em que se inserem. Cada um está integrado no seu espaço regional. O mundo do futuro é este.

Por exemplo, é mais fácil negociar com um banco de desenvolvimento ou um banco de investimentos ou um qualquer outro banco, porque estamos concertados, trabalhamos em conjunto. Temos mais poder negocial do que se estivéssemos isolados.

A Confederação foi agora criada, o trabalho começou hoje, mas será continuado. É preciso que as pessoas acreditem neste projecto. Acredito que Portugal não tem alternativa se não se virar para o mar e para os países de língua portuguesa – como de resto sempre aconteceu, exceptuando o período pós-1974 em que esquecemos demasiado o mar, esquecemos o Atlântico.

Sempre fomos um país atlântico. Portanto, independentemente da nossa integração na União Europeia, que é muito boa, Portugal tem de virar-se mais para o Atlântico – para a América Latina, para a África Austral, para os países de língua portuguesa na África Ocidental e Oriental. É um trabalho continuado que exige um *acreditar* e o delinear de uma estratégia.

Mas Portugal até é bom a definir estratégias. O problema é depois implementá-las.

Se a ideia não for implementada, ficamos pelo conceito, não se obtêm resultados. Não é trabalho de um dia apenas. Estamos a iniciar um processo longo. Ou então, não saímos dos conceitos.

Quem é sócio da Confederação? A Confederação é sobretudo uma Associação de Associações Empresariais dos vários Estados-membros. Pode ter federações (no caso de Brasil e Angola, cerca de trinta). Mas a Confederação Empresarial da CPLP tem também parcerias. As Câmaras de Comércio, por exemplo, não são associadas (sócias), são parceiras.

No nosso site, poderá haver um “link” para todas as câmaras de comércio, universidades, para a rede de cidades. Há várias associações na CPLP que não têm necessariamente a ver com economia, mas que podem ser parceiras.

A Confederação tem uma componente essencialmente económica. É criada para promover a actividade económica e financeira entre os países, para incentivar o comércio e o investimento. Mas indirectamente, a Confederação também está

interessada em promover o intercâmbio de estudantes, maior mobilidade dos agentes económicos, etc.

Com ambição, quase poderia dizer que, daqui a uns anos, a Confederação pode evoluir para uma União Económica Lusófona.

Na Europa começámos por criar a EFTA, depois para a CEE e para a UE.

Mas Portugal já pertence à UE. Um processo de integração lusófono como aquele que o Dr. Murteira Nabo está a invocar, é possível de concretizar?

A lógica do processo, se ele tiver sucesso, é daqui a uns anos fazermos parte de uma União Económica Lusófona – na Europa demorou trinta anos.

Para ter sucesso, a CPLP caminhará para uma União ou Integração Económica. O que é que isso significa? Significa mobilidade. As pessoas poderão trabalhar noutro país lusófono sem precisarem de vistos. Estudar sem vistos.

Outra coisa é uma União Monetária. Isso já é mais complexo.

Portugal pode pertencer a uma União Económica Lusófona. Mas uma União Monetária não é possível.

Mas é possível caminhar no sentido de uma maior integração. Uma União Económica é consequência de uma integração económica. O que estamos a fazer é uma integração e liberalização sucessivas.

As Confederações não têm responsabilidade ao nível dos vistos e da cidadania, mas podem ter um papel activo para que essas questões se resolvam. Porque são obstáculos à progressão económica.

Quando pretendo ir a Angola e se fica um mês à espera de um visto, a tendência é recorrer a uma Confederação empresarial para que ela ajude a resolver o problema. Ela não tem nada a ver com isso, mas o problema do visto é um obstáculo à concretização dos negócios.

Passa-se o mesmo com a questão do financiamento. Se um empresário tiver negócios por exemplo em Angola ou Moçambique, e precisar de financiamento, terá vantagens em procurar bancos que estejam instalados nesses locais, que se integrem ou que se juntem. São as sinergias típicas da integração.

Há consenso nestas matérias? Porque a questão do Acordo Ortográfico, por exemplo, ainda não se resolveu completamente.

Há consenso quanto á criação da Confederação Empresarial da CPLP. Foi criada com o apoio de todos os estados-membros. Vamos ter mais de cinquenta associações empresariais. Só no Brasil temos umas vinte e sete. Em Angola são umas trinta.

Quanto ao desenvolvimento da Confederação vai ser um processo. O *dossier* ainda não foi discutido.

Estou a fazer o papel de visionário. Este seria o caminho a percorrer no longo prazo, se tudo corresse bem!

Portugal está a atravessar um período de crise (conjuntural mas sobretudo estrutural). O Brasil é actualmente uma economia emergente à escala global. Angola afirma-se também enquanto potência regional. Quem é o grande impulsor da CPLP e da cooperação económico-financeira neste momento?

Na minha opinião, dentro da CPLP há vários níveis de desenvolvimento que prevalecem. Diferentes dimensões territoriais. A União ou integração económica não é geográfica como acontece na Europa.

A CPLP existe com base numa cultura comum. As nossas afinidades baseiam-se na História e na Língua. Em termos de dimensão territorial, vamos do Brasil a Timor-Leste. Os níveis de desenvolvimento actual vão desde o Brasil à Guiné-Bissau.

Temos vários patamares de desenvolvimento. Mas temos de conseguir trabalhar nessas diferentes dimensões. A CPLP também existe para promover o desenvolvimento económico no espaço comum, para que não haja uma diferença tão grande entre os Estados-membros.

O Brasil tem um grande potencial porque possui um grande mercado. Portugal tem um mercado doméstico muito mais limitado. Portanto, os grandes países tendem para uma posição hegemónica, por causa da dimensão. Mas as regras da CPLP não se baseiam na dimensão, para cada país um voto. Os votos não dependem do tamanho do país.

Os países são diferentes a vários níveis: riqueza nacional, dimensão territorial, etc. É esta mistura que faz da CPLP uma estrutura semelhante à *Commonwealth*. Na CPLP valoriza-se a igualdade entre Estados-membros.

Na minha opinião, a situação actual que vivemos em Portugal não é uma. O nosso país está a ajustar-se.

A razão da crise portuguesa tem vários fundamentos: 1) Portugal está a ajustar a sua economia à era pós-descolonização. Após a descolonização passou a ter um mercado pequeno. 2) Portugal agora tem uma moeda que já não é o escudo, é o euro. A integração na União Monetária trouxe a nu as debilidades da economia portuguesa, que antigamente eram “protegidas” com moeda própria.

Portugal pertence à zona economicamente mais frágil da Europa: o sul. E Portugal pertence ao grupo de países que mais sofreram com a entrada no Euro. Os Britânicos também estão a sofrer bastante com esta crise internacional mas não aderiram ainda ao Euro.

Portugal está a viver neste momento esta adaptação. Só agora estamos a sofrer as maiores consequências desta adaptação. Antes estivemos vinte anos a receber fundos comunitários, a investir em infra-estruturas. Só agora estão a vir ao de cima as nossas reais vantagens comparativas.

Este clima de crise conjuntural alia-se a uma crise estrutural que já existia anteriormente.

O nosso país está a adaptar-se á sua real dimensão. Vamos ver como é que isto acaba.

Pelo menos ao nível da cooperação económico-financeira no espaço lusófono, a situação parece ser-nos favorável. Angola ocupa agora o quarto lugar no nosso ranking português de exportações. A GALP também está a atrair o interesse da Petrobras e da Sonangol.

Está a haver uma interpenetração na área do investimento, por exemplo entre Portugal e o Brasil. Investimento recíproco.

Quando estava na Portugal Telecom adquiriu-se a Telesp Celular no Brasil. Na altura foi a maior aquisição de Portugal realizada no Brasil. Hoje em dia a VIVO (sucessora da Telesp Celular tem mais de 55 milhões de clientes, é a maior empresa de telecomunicações da América Latina.

Quando a PT foi para o Brasil, foram também cerca de outras duzentas empresas. Iniciou-se assim um processo que nunca mais parou! Este processo já se iniciou também agora com Angola e com alguns países da Lusofonia.

A GALP, por exemplo, está em todos os mercados do espaço lusófono, além de estar em Espanha. A GALP é uma empresa com vocação ibérica e lusófona.